

Carlos Perktold¹

Palavras-chave

Miniconto; Teseu; Ariadne; Minos; violência; LSD.

Resumo

O autor analisa quatro minicontos, textos condensados e cheios de possíveis leituras subjacentes sob o ponto de vista psicanalítico e humano.

A primeira impressão do leitor perante os minicontos é uma certa perplexidade quanto às mensagens subjacentes e à rapidez dos acontecimentos num diminuto texto. A sua propositada concisão é tão surpreendente, que, para saborear a riqueza e a densidade de alguns deles, se exigem conhecimentos gerais não encontrados no leitor padrão. Cinema, televisão, literatura, mitologia, psicanálise, gírias de época, história, filmes e seus diretores e experiência de vida, em geral, são fundamentais para compreender a dimensão do texto e o desejo do narrador. Como em toda boa literatura, o subjacente e o não dito são a chave para o seu entendimento, magia perceptível pelo leitor bem informado. O miniconto abaixo é de Ricardo Corona:

PSICONTODÉLICO

– *Põe na língua.*

– *LSD?*

– *É.*

– *E o leitor?*

– *Dê-lhe o fio de Ariadne.*

Seu título nos remete a “psicodélico”, uma palavra em desuso, contemporânea do LSD e de uma era na qual a gíria do

momento era “podes crer!”. Se, em certas circunstâncias históricas, até o almoço do bandeirão do restaurante de estudantes ou era ou não era dialético, houve também outra época na qual tudo foi psicodélico. Naquelas ocasiões, dialético ou psicodélico explicavam tudo. Antonio Houaiss curiosamente menciona que a palavra refere-se às produções intelectuais sob efeito alucinógeno e, entre parênteses, cita LSD. Psicodélico é formado do grego psico + delos e significa aquilo que é visível, manifesto e evidente. Diz-se também das visões coloridas e fragmentadas que essa droga provoca. Mestre Aurélio, numa quarta explicação dessa palavra no seu dicionário, informa ser “aquilo que se distingue do meio tradicional, ou pela decoração, ou pela atitude, ou pela maquilagem, ou pela roupa”. Na década de 1960, psicodélico era o uso do LSD na língua e, aí, ver o mundo sem angústia ou depressão. Nada diferente, portanto, daqueles que preferem vê-lo hoje energizado com pó.

Esse miniconto é um diálogo, e a primeira frase, Põe na língua, é, numa leitura imediata, a ordem de um mestre que ensina o caminho da salvação para seu discípulo. Ela pressupõe uma pergunta não formulada

¹ Psicólogo pela PUCMINAS e psicanalista em Belo Horizonte. É integrante da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA), órgão da UNESCO e do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.

de um personagem oculto, um pedido de esclarecimento do que fazer com algo desconhecido em mãos. Essa frase é também uma recomendação médica ao paciente que não sabe como usar o medicamento. Ou ainda, uma outra ordem sem afetividade, seca e objetiva: “Põe na língua”. Em seguida o interlocutor oculto, que nunca se queixou do que sentia e nenhum diagnóstico lhe foi dado, faz uma pergunta-resposta com naturalidade, demonstrando conhecer esse objeto mágico capaz de medicar qualquer doença, mesmo aquelas de queixas nunca relatadas: “LSD?”

O ácido lisérgico, ou LSD, está para o mundo das drogas assim como IBM está para o mundo dos negócios. Ele foi posto na língua portuguesa e em dicionários de outros idiomas ocidentais desde quando nasceu em laboratório, por volta daquela década. Esse ácido é o resultado da hidrólise de certos alcalóides vegetais, cristalinos, alucinógenos, e foi difundido entre os ripongas, desbundados, roqueiros e certos intelectuais do underground das décadas seguintes. Foi a porta de saída de um mundo cujos moradores estavam angustiados por causa da castração política da ditadura militar no Brasil, a guerra fria entre países hegemônicos de esquerda e de direita, o potencial e iminente perigo de devastadora guerra nuclear, acrescido também de boa dose de dificuldades pessoais de seus usuários, deslocada para a política. Foi também a primeira das drogas pesadas na escalada iniciada pelos baseados, época de uma geração que fez e venceu uma revolução de usos e costumes com os aforismos: “Faça amor, não faça a guerra” e “Paz e amor”. E, com a mesma naturalidade

com que foi feita a pergunta, vem a resposta do mestre: “É”.

Mas esse é um texto ficcional, um miniconto, um curto diálogo entre dois personagens, no qual o leitor aparece como se fosse um voyeur que, de algum lugar, os observa. Os dois interlocutores o vêem como um sujeito de olhar pidão, que tem a esperança de receber o mesmo encantamento. O segundo daqueles faz, então, uma pergunta como se fosse surpreendido pelas ilegalidades do acontecimento e do diálogo, ou sentisse o pedido implícito do segundo personagem que, empático, entende que o leitor do momento está na mesma situação que ele, precisando da mesma salvação, e se coloca no lugar de seu advogado de defesa, perguntando: “e o leitor?”. É uma pergunta gentil como se se falasse “... e o meu irmãozinho, leva o quê”? Ou uma censura de alguém desconfiado, como se um outro leitor, no futuro, fosse um policial ou alguém careta, cuja obrigação fosse interromper o tráfico dos dois. Aí, o primeiro personagem, não querendo correr riscos e certo de que um prêmio de consolação deva ser garantido, fecha o miniconto imaginando que o leitor é igual a um corrupto menor, que aceita uma quimera como consolo, ou um desesperado de plantão à procura de um guia para sair de onde está. Essa passagem pode ser lida ainda como se o autor visse no leitor alguém muito especial e soubesse que a decisão de percorrer qualquer caminho da vida é dele, mas que, por ser o meu leitor, um mimo lhe seja dado como prêmio. Através de uma condensação definitiva, receita-lhe a compensadora panacéia: “Dê-lhe o fio de Ariadne”.

Para falarmos de Ariadne e o seu fio de lã, é preciso nos remeter à mitologia grega, em especial aos mitos de Teseu e do Minotauro. O Minotauro é o

fruto da traição de Pasifae, esposa do rei Minos, com o Touro de Creta, por quem ela se apaixonou perdidamente. O infante gerado nesse relacionamento traiçoeiro é um monstro, metade homem, metade touro, cuja deformação causa rejeição e repulsa a Minos, seu pretense pai. Este, envergonhado do suposto filho, o aprisiona no labirinto construído por Dédalo, composto de zigue-zagues infinitos e sem saída.

O Minotauro tinha compleição de homem forte e de touro viril, e o seu pasto eram sete rapazes e sete moças inocentes, escolhidos todo ano entre os atenienses. O sacrifício dos jovens foi a punição da guerra perdida por Atenas, imposta por Minos, rei de Creta. Ele, por influência maléfica da perversa mulher, se transforma de rei sábio e justo em déspota exigente e cruel. Quando Atenas envia o terceiro pagamento consecutivo, remete junto com mais treze sacrificados o jovem e heroico Teseu, que parte com sua clava, tomada de Perifetes, a quem derrotara anos antes. Sua missão de bravo guerreiro é derrotar o Minotauro e sair vitorioso do Labirinto. Antes de sua partida, Ariadne se apaixonou por ele, teceu e lhe forneceu um novelo de lã com o qual ele marca seu caminho de volta e, deixando o Minotauro derrotado, de lá saiu triunfante.

Minotauro é metáfora de tudo aquilo de que nos envergonhamos e preferimos manter longe de nós e do Outro. O Labirinto de Dédalo é a querência de nossa intimidade, reservatório primitivo das energias psíquicas onde moram as pulsões e os nossos mais íntimos e avassaladores desejos, endereço completo do Id, um postulado freudiano. É o lugar cheio de caminhos sem fim, onde precisamos encontrar e/ou construir uma saída que nos humanizará. A saída não será encontra-

da sem a ajuda de alguém: um grande amor, um amigo do peito, o psicanalista, o terapeuta ou ainda o traficante, esse anti-Ariadne pós-moderno, e as drogas, o fio de lã em moda. Sabedor de que as dificuldades emocionais, angústias e depressões são as normas deste novo mundo globalizado, o personagem sugere que cada leitor, colocado no mesmo lugar de desespero daquele, precisa do mesmo remédio.

O LSD é o Lenço Sem Documento do verso de Caetano Veloso, elemento capaz de unir o narrador, os personagens e o leitor num conluio afetivo. Para o narrador, aquele é uma presa oferecida a qualquer Minotauro contemporâneo, a aguardar um Teseu que o auxilie a combater o seu cotidiano entediado ou endiabrado e o retire desse labirinto metafórico. Hoje não é somente o leitor, essa espécie em extinção, que anda à procura de um equivalente da lã de Ariadne, mas todos nós, porque, se os caminhos internos de Dédalo são muitos, a saída é uma só.

Segundo miniconto, de Beto Vila:

– *Diz que me ama*
– *Aí é mais caro*

Houve uma época na qual as operárias do amor ficavam confinadas em casas suspeitas, endereços sobre os quais ninguém tinha dúvidas. O mundo mudou, e uma de suas alterações foi o desaparecimento daqueles locais, chamados de rendez-vous, denominação francesa para um lugar destinado a uma atividade profissional nascida globalizada.

A libertação sexual feminina, vinda com a criação do anticoncepcional nos anos 1960, o aumento da produção dos automóveis, a chegada dos motéis e uma recente ética, irmã gê-

mea de outra moral, foram itens construtores de nova vida sexual da mulher e que, aparentemente, acabariam com a mais velha profissão do mundo. Mas isso não ocorreu. A eterna existência de pessoas que, por motivos inconscientes, preferem amor comprado, fez com que as operárias continuassem suas atividades e se espalhassem. Hoje elas são encontradas em guetos de certas ruas das cidades, e nem elas têm pudor para fazer suas ofertas, nem seus fregueses para explicitar sua procura.

Suas ofertas ficaram públicas e notórias em páginas e mais páginas dos classificados dos jornais das grandes cidades e incluem novas formas de perversões sexuais trazidas pelo neoliberalismo. Nesses anúncios, como num supermercado de qualidade, há de tudo, inclusive impensáveis concorrências às velhas profissionais. Se a procura muda, muda-se também a oferta, é a ordem capitalista. Agora ela é de homens, travestis, homossexuais, lésbicas, mulheres casadas, rapazes heterossexuais e até senhoras maduras; passa pela atividade, passividade, sadomasoquismo, sexy shop e mais uma quantidade de opções que alegam a vida de muitos. Mas aos fregueses interessados é preciso ressaltar que há também muita propaganda enganosa nas ofertas.

Essas operárias têm uma ética, passada de veteranas para novatas, que inclui itens como: não há beijo na boca dos clientes; não se fala de amor, o pagamento não é a prazo, e o cliente vigarista não é protestado em cartório, mas leva uma surra à vista, aplicada pelo diligente cafetão mais próximo. O preço dos serviços, como em qualquer negócio, varia de acordo com o que o cliente quer: a forma e a duração da transa, a presença ou ausência de soutien ou ainda se quer carinho. Tudo

isso tem um custo para elas, que, como fundamental regra do sistema econômico vigente, é transferido para o consumidor final. Mas nestas cláusulas de contrato verbalizado há limites: há coisas que elas não fazem. Preferem perder o negócio a aderir a insuportáveis perversões de clientes que fazem corar veteranas profissionais pelas loucuras propostas.

O miniconto de Beto Vila, constituído de duas linhas apenas, começa com:

– *Diz que me ama.*

A frase pressupõe a existência de alguém que sente uma incompletude no que recebe. Na primeira linha não se tem ideia de onde ele está nem a quem se dirige. O personagem da primeira pessoa do singular quer se assegurar de que uma doação seja revestida de amor, esse invólucro invisível que faz dos relacionamentos afetivos algo especial. Feito o pedido, a resposta é dada com a rapidez inerente à negociação de toda pistoleira que conhece os gatilhos da própria vida e daquelas alheias:

– *Aí é mais caro.*

Rapidez que se repete na narrativa do texto porque, numa primeira e imediata leitura, percebe-se que se trata de um diálogo entre uma profissional e um cliente e que o contrato inicial entre eles, não revelado na primeira frase, não continha cláusula de fornecimento do exigido agora. O primeiro personagem quer modificá-lo. O pedido pode ser atendido, mas é preciso alterar outras cláusulas, e aquela do seu preço original é a principal. Quanto mais se fornece, maior é o preço, é outra regra preservada pelo segundo personagem.

Mas ninguém imagine que o conteúdo desse diálogo seja privilégio da dupla heterossexual de cliente-freguês.

Considerando os relacionamentos pós-modernos tão em voga no mundo globalizado, ele pode ocorrer com qualquer tipo de dupla. Nas heterossexuais, cujos casamentos são realizados em igrejas e cartórios, com direito a fotos em Caras, essas mesmas cláusulas ficam recônditas em contratos (in) conscientes e, como o dinheiro compra até amor verdadeiro, “o mais caro” está estacionado em cheques bancários e cartões de crédito sem limites.

Além dessas, o miniconto abre a perspectiva de uma outra leitura polisêmica na palavra “caro”, ensinando-nos que, quando se diz que se ama, tudo é mais caro sim, por ser mais querido, mais amado, mais desejado. Era assim que Hélio Pellegrino respondia aos seus futuros clientes que achavam as suas sessões psicanalíticas “caras”.

Terceiro miniconto, de Adriane Mirtes:

*Caiu da escada e
foi para o andar de cima.*

O narrador relata experiências de vida e é irônico com a morte. Na primeira leitura, ele, gozador, triste ou bem informado de algo que o leitor desconhece, relata um literal acidente; desses que podem ocorrer com qualquer um: “caiu da escada”. A queda nos faz pensar que, como consequência, alguém morreu; daí a frase seguinte “foi para o andar de cima”. “Andar de cima”, na nossa cultura e língua, é metáfora de céu ou do seu substituto: qualquer lugar em que as pessoas acreditam existir após a morte, aquele país, como dizia Shakespeare, “de onde nenhum viajante jamais retornou”. O narrador parece dar uma informação ou uma explicação para alguém que, perguntando por Fulano ou Beltrano, recebe a indicação do novo endereço da vítima.

Nos regimes ditatoriais, é também a explicação dada sobre algum amigo, ou adversário do poderoso de plantão e que, descuidado ao andar nas escadas do poder ou da clandestinidade, caiu e desapareceu para sempre do cenário político.

Uma outra leitura, própria de países democráticos nos quais os adversários não são jogados de helicópteros em alto mar, nem enterrados vivos e menos ainda executados em praça pública, é metáfora do fato político mágico de alguém “cair pra cima”. Ocorre sempre com aqueles funcionários que, pela honestidade ou desonestidade, impedem algum superior de realizar uma negociata ou uma corrupção. Impossibilitado, legalmente, de demiti-lo e decidido a levar vantagem pessoal no cargo que ocupa, o chefe decide pela sua promoção. Remove-o para um novo e melhor lugar acima do atual, posto no qual ele não importunará nem tomará conhecimento dos negócios em andamento no andar de baixo. Cai para cima, no jargão de funcionários públicos. Sem poder reclamar, porque recebeu um prêmio, o funcionário é deslocado para longe e, no seu lugar, entra alguém escolhido para defender os interesses da chefia.

O fenômeno, para quem ainda não foi vítima dele nem o viu acontecer, está registrado no filme *M. Butterfly*, de David Cronenberg, no qual um contador é enviado para Pequim nos anos 1960 e precisa descobrir as falcatruas dos funcionários da embaixada francesa local e ainda enfrentar as armadilhas de hábeis diplomatas corruptos. Ingênuo politicamente, o contabilista aceita do embaixador a sua absurda promoção a vice-cônsul. Despreparado intelectualmente para o cargo e para viver num país do qual ele desconhecia a língua, usos e costumes,

além das políticas americana e francesa para o sudeste asiático e sem leitura diária dos jornais locais, cai da escada política preparada só para ele. Em curto tempo, vem a ordem de Paris para seu retorno e é demitido. Ponto para os corruptos franceses de Pequim. Ponto para a burocracia do cair pra cima.

Fenômeno idêntico pode ser observado no Brasil na nomeação de certos políticos para cargos fora do Brasil em países europeus. Entre o risco de ver políticos fazerem declarações nefastas ou conspirações que fizessem o governo escorrer e cair de algum degrau metafórico, sacrifica-se o cargo que poderia ser melhor dirigido por um funcionário de carreira, para se livrar de alguém inconveniente no território nacional. Esses políticos caem pra cima em capitais europeias. A promoção para se livrar de alguém é comum também nas igrejas, em especial na Igreja Católica e seus integrantes. Logo após 1964, Dom Helder Câmara saiu do Rio, “promovido” para Recife onde incomodava menos os militares de plantão no Palácio do Planalto.

Quarto miniconto:

VIOLÊNCIA

*Foi ao bar comprar cigarros
E nunca mais voltou.*

Até onde estou informado, o conto não tem autor definido. Foi, inicialmente, publicado nos anos 1970 nas primeiras edições do “Pasquim”, jornal de saudosa memória, e virou sinônimo de chacota, piada e pilhéria cada vez que se sabia de alguma mulher abandonada pelo marido, namorado ou amante. Curiosamente, as duas frases não eram mencionadas quando a mulher abandonava o marido. Naqueles anos, esse miniconto foi tão citado

quanto a velha piada na qual o sujeito deve receber a notícia da morte da mãe em diferentes e pausados telegramas, com a mensagem inicial de “sua mãe subiu no telhado”, seguido de outros até o desfecho final.

Quando eu era garoto no bairro Carlos Prates, em Belo Horizonte, minha família teve uma vizinha, Dona Fernanda. Como todos os casais da rua onde morávamos, ela e o marido lutavam pela vida nos anos 1950 com as dificuldades próprias dessa estratificação social. O casal tinha cinco filhos, todos meus amigos de infância. De seu marido tenho uma única lembrança: uma silhueta de um homem baixo, envelhecido aos 35 anos, sempre de chapéu e de olhar afetuoso. Gostava de caçar, pescar e nas férias anuais viajava para o Mato Grosso, provavelmente para o Pantanal, passando temporadas de, no máximo, vinte dias. Não me lembro qual era sua atividade, mas com certeza era o único profissional naquele bairro que viajava nas suas férias. Todos os seus contemporâneos e vizinhos as passavam em casa, aproveitando para fazer os consertos domésticos, acumulados durante o ano. Assim, aqueles pais contemporâneos dos meus e que eram funcionários públicos, comerciários, industriários, securitários ou bicheiros, que não tinham a mesma sorte do Sr. Antônio Celso, se tornavam marceneiros, bombeiros ou eletricitas nos seus vinte dias de lazer.

Para os filhos do Sr. Antônio a sua prolongada ausência nas férias tinha o prazo de uma existência, porque naquela época, sem que saibamos o motivo, o tempo passava mais lentamente que hoje. Ele, como tantos de sua geração, era tabagista. Naquela ocasião, ninguém imaginava que fumar causava câncer, e o hábito era pra-

ticado com tanta espontaneidade, que havia um certo glamour na atitude, ratificada por Hollywood nos filmes com Gary Cooper, Bogart, Tyrone Power, Alan Ladd, Burt Lancaster e tantos outros. Além disso, imagino que o cigarro ajudava a espantar os mosquitos nas pescarias do Sr. Antônio Celso.

Nada exteriormente ao casal indicava que ele fosse capaz de uma violência doméstica. Eles sempre transmitiram a mesma ideia de felicidade de outros e somente o tempo me ensinou que naquele bairro havia um foco da mais completa loucura conjugal, amargor de tantos, em especial das mulheres. Ao ler o miniconto acima, lembrei-me dele e de uma das mais bravas guerreiras de minha meninice: Dona Fernanda.

Certo dia, fomos informados de que o pai de meus amigos estava pronto para uma daquelas viagens de pescaria no Mato Grosso. Seus companheiros o apanhariam em casa com a velha caminhonete que, de tantas viagens ao Pantanal, já conhecia de cor o caminho de ida e o de volta. Pouco antes da sua partida, o Sr. Antônio se lembrou que faltavam os cigarros na sua equipagem de pescaria. Precisava comprá-los porque a saída seria de madrugada e encontrá-los no caminho era uma possibilidade remota. Um dos filhos se ofereceu para buscar. “Não, não precisa. Isso não é coisa para criança comprar”, disse determinado. Ele saiu para fazê-lo e voltou somente trinta anos depois, um prazo equivalente ao “nunca mais” para a mulher e os filhos. Ele deixou amontoados num canto da sala as varas de pescar, molinetes, redes, arma, anzóis, iscas artificiais e algumas mudas de roupas, bagagem provocadora de um vazão que, em poucos dias, cresceu e se transformou numa montanha pesada demais para caber no

coração da mulher e das crianças, quando compreenderam que ele não voltaria mais.

Ocasionalmente me encontro com um ou outro dos filhos do Sr. Antônio Celso e de Dona Fernanda, hoje todos profissionais bem sucedidos. Em geral falamos dos novos tempos, lembrando e os comparando com aqueles vividos então. Nesses momentos sinto o peso daquela velha bagagem entre nós, e há uma regressão envolvendo nosso encontro e noto que, sem querer, minha presença o empurra para um abismo de tristes lembranças. Aí, o adulto de hoje expõe para o amigo de infância um imutável lugar cheio de faltas afetivas, visível nos olhos de um menino perdido num passado longínquo que, nesse momento, apenas nós dois sabemos existir; um lugar tão grande, que nem todos os peixes do Pantanal reunidos são capazes de preencher.

Por certo é humilhante e muito doloroso em qualquer cultura ser mulher abandonada pelo marido com cinco crianças, e D. Fernanda sofreu muito com a violência do ex-marido. Quando ele voltou, não foi recebido por qualquer dos filhos.

Mas como o ser humano é sempre imprevisível, o miniconto pode ser lido também como o desejo de certas mulheres e filhos que, por penarem na mão de marido e pai mesquinho no trato pessoal e financeiro com a sua família, aguardam e desejam que ele vá comprar qualquer coisa ali na esquina e aproveite para não voltar nunca mais.

Autores de minicontos levam a concisão e a condensação ao mínimo possível e registram filigranas com palavras que o leitor, com microscópios literários, deve pinçar e examinar. Aí poderá degustar os minicontos comme il faut.

Keywords

Minitales, Teseu; Ariadne; Minos; violence; LSD.

Abstract

The author analyses four minitales, very condensed tales and full of different readings, under the psychoanalytic and human points of view.

Tramitação

Recebido : 01/06/2009

Aprovado : 14/08/2009

Nome : Carlos Perktold

Endereço : Av. Celso Porfirio Machado, 105 – Belvedere

30320-400 Belo Horizonte, MG

Fone : (31) 3286 2247

E-mail : perktold@terra.com.br